

Penna, Agulha e Colher

«JORNAL» DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcéa
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»
Anno VIII—Num. 21

Anno I

Florianopolis, 9 de Março de 1918

Num. 20

Tudo pela Boa Imprensa!

(Relação de donativos)

Ignéz (pedindo a S. José uma grande graça)	10\$000
Sr. Lucas Corrêa de Miranda	5\$000
Um amigo	\$500
Quantia já publicada	271\$000
Somma até 4-III	286\$500

Ao trabalho!

(Traduzido do francez por Zenir Alcéa)

Não é *um conselho, é uma ordem!*

E é por meu intermedio que Deus vol-a dirige, a vós que sentis a vida correr a flux nas vossas veias, a vós, ó jovens!

Ao trabalho! ou melhor: a um trabalho *verdadeiro, continuo, absorvente*; um trabalho que exija o emprego regular de *vosso tempo*, de *vossa intelligencia*, de *vossas mãos*; um trabalho que vos faça sentir que a vida não é *fecunda, util, agradável*, sinão quando vos fôr *pesada*.

Nós todos somos como *esses frutos* que só nos dão seu succo fortificante e doce, quando estão sob o lagar.

Ao trabalho! para que não percaís para sempre o que em vós ha de grande, bello, attrahente, elevado!

Ao trabalho! porque o trabalho enobrece e dignifica!

Ha em vós o que havia nesse pedaço de marmore sahido da pedreira e collocado na officina de Miguel Angelo: *uma estatua*, porém muito mais bella que a de Moysés, diante da qual o

mundo se extasia; sim, muito mais bella porque é—*a estatua de um santo!*

Foi pelas pancadas do martello dirigido pelo genio que appareceu—a estatua de Moysés.

E' pelo trabalho dirigido e sustentado pela oração que apparecerá—o santo!

O' trabalho, ó labor quotidiano, ó esforços sustentados pela intelligencia, ó sabia e forte direcção da vontade, como sois grandes, como sois poderosos, como sois fecundos!

Perdão e consolação

Zoraída e Zorilda eram irmãs e viviam pobrememente, numa pequena chacara, unica herança que lhes restava dos pais. Zoraída, a mais velha, tinha 18 annos e era activa, meiga e ajuizada; trabalhava com esforço dia e noite para sustentar a casa e os inconscientes caprichos de Zorilda que, cinco annos mais moça do que ella, nada fazia para ajudal-a, nem siquer lhe suavizava os sacrificios. Ha quatro annos que eram orphãs de mãe; o pai, homem rude, porém sincero e bom, não pôde resistir por muito tempo á perda de sua mulher, e foi reunir-se a ella seis mezes depois, deixando as duas filhas sós e desamparadas na terra, pois os parentes que tinham eram pauperrimos, não estavam em condições de amparal-as.

Prestes a morrer, o pobre homem chamou as filhas, e, com grande aperto no coração, fez-lhes ver a situação em que se achavam e a sorte que as aguardava, fazendo comprehender a Zoraída o que era a vida com os enganos e seducções do mundo, recommendando-lhe muito a pratica da virtude e a educação de Zo-

PENNA, AGULHA E COLHER

Assinaturas

Anno 2\$000

Mez \$200

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assinaturas annuaes pagas, terá direito a uma gratuita.

rilda, a sua predilecta. Expirou depois calmamente, tendo nos labios o nome do Senhor. Depois da morte do pai, Zoraida teve que vender parte do terreno para pagar as despesas que fizera durante a molestia do mesmo, ficando apenas com a casa, uma pequena horta e algumas fruteiras, cujo producto era o sufficiente para o seu economico passadio. Zorilda não era má; vivia, porém, muito longe da realidade da vida, devido talvez á condescendencia exaggerada da irmã, que, como mãe adoptiva, morria de amores por ella. As grandes occupações de Zoraida prendiam-na em casa, enquanto Zorilda, sempre criança e desajuzada, vivia de festa em festa, desfrutando a dedicação da irmã sem um pensamento ao menos de gratidão.

No meio do borbórinho em que vivia, tinha Zorilda diversos pretendentes aos quaes dedicava igual affecto. Ia afinal ser pedida em casamento por um moço da vizinhança muito trabalhador e bom; mas os parentes della aconselharam ao mesmo o casamento com a mais velha, fazendo-lhe as ver boas qualidades desta, em comparação com a falta de senso da outra. O moço achou razoavel o que lhe diziam e mudou de opinião. Foi assim que Zoraida, ligando pouco caso á idade da irmã, que para ella era uma creança, consentiu em casar-se com o noivo que lhe offereciam. Proximo á realização do casamento é que Zorilda veio a saber da trama que haviam feito; desesperada, deixou a casa e foi empregar-se na villa, votando á irmã e ao cunhado o mais profundo desprezo. Zorilda foi mais tarde pedida em casamento por outro e casou-se, odiando ainda a irmã que, apesar de feliz, não a esquecia.

O tempo passou, e as duas irmãs se encontraram novamente: ambas, porém, já viuvas, bem irmãs no soffrimento!

Tudo foi perdoado. Zorilda cahiu nos braços da irmã e o bom senso, que agora possuía, fel-a conhecer a grandeza da sua injustiça. Hoje, na mesma chacara, vivem as duas irmãs e um pequenito filho de Zoraida, a quem Zorilda dedica a melhor parte de su'alma — a consolação do perdão!...

Zanessa

1º - 3 - 1918

ANCILLA DOMINI

A esmola do pobre

Lopes fez sahiras crianças e num paroxismo violento apertou com força as mãos do velho, e da mulher, exclamando:

— Não me detenham, por favor, é preciso que eu morra!

— Não diga isso, sr. Lopes, tenha confiança em Deus.

— Ah! é porque o sr. não sabe! eu posso supportar miseria e fome, mas a deshonra, nunca! se não me matar, estou irremediavelmente deshonrado.

— Diga-nos sempre o que lhe aconteceu, quero-lhe bem, quem sabe si não lhe poderia valer?

Lopes sorriu dolorosamente; que poderia aquelle pobre velho, que mal ganhava uns tristes vintens com o seu trabalho? Mas enfim, queria desabafar e relatar tudo: o patrão confiara-lhe grossa quantia para pagar a diversas firmas commerciaes, e elle, não sabe como, perdeu o dinheiro, roubaram-lh'o talvez.

— E' a primeira vez que o patrão me incumbe de um encargo de confiança: ha 6 annos que trabalho com elle, parece estimar-me, mas como nunca poz a prova a minha honestidade julgará por certo que lhe roubei o dinheiro; tan mais que me pareceu meio receoso quando me entregava aquella somma. «Sr. Lopes, disse-me o patrão, eu já o conheço ha muitos annos e sei que é um homem de bem, faça-me o favor de ir

saldar estas facturas.»—Metti o maço de notas no bolso, eram cinco contos de réis, e vim em bonde de segunda classe para casa, a fim de me vestir aqui. Todo o dinheiro tinha desaparecido! Para não fazer muito volume, as facturas vieram num bolso e o maço das notas no outro, eram notas grandes, havia-as de conto de réis, e de 500\$000, as menores eram de 200\$000... Estou perdido! Nunca hão de acreditar na minha innocencia, perderei o emprego, perderei o bom nome, serei talvez mettido no carcere... ah! antes morrer!

—Infeliz amigo, com o suicidio é que perderá o bom nome de christão, perderá seu logar no céo e será encarcerado para sempre no inferno. Tenha coragem, homem! Vamos explicar tudo ao patrão, elle acabará por comprehender que o sr. não teve a culpa. (*Continúa*)

Receitas

MÃE BENTA

500 gr. de assucar, 1 côco ralado, 500 gr. de farinha de arroz, 10 gemmas, 5 claras.

Batem-se bem os ovos com o assucar, junta-se-lhes a manteiga tambem bem batida e em seguida a farinha de arroz e o côco.

Assa-se em fôrminhas forradas com folha de bananeira ou papel.

Forno quente.

BOLO DE ICARAHY

1 chicara de leite; 2 chicaras e meia de assucar; 3 ovos; 3 chicaras e meia de farinha de trigo; 1 colher bem cheia de manteiga; 3 colheres de *baking-powder*; algumas gottas de baunilha.

A manteiga é batida com o assucar; os ovos bem batidos.

Depois junta-se a farinha misturada com *baking-powder* e por ultimo a baunilha.

A fôrma é untada com manteiga.

Mulheres corajosas!...

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de EDÉSIA ADUCCI

PERSONAGENS

Antonio Cachoeira

D. Clara, sua mulher

D. Bertha, tia de D. Clara

Dra. Coelho

Guilhermina, criada da familia Cachoeira.

ACTO I

SCENA I

D. Bertha e Guilhermina

(E' noite; D. Bertha borda e Guilhermina arruma a mesa).

D. BERTHA—Guilhermina, deixe ali a chicara de sua patrão, porque talvez ella ainda queira leite antes de se deitar.

GUILHERMINA—D. Bertha, foi muito bom ter a Sra. vindo cá, pois a minha exma. senhora tem tanto medo, quando o patrão sae e ella fica sózinha em casa...

D. BERTHA—Porém ella não fica sózinha, porque você...

GUILHERMINA—(interrompendo) Sim, eu estou com ella, e já ha mais de vinte annos, como a Sra. sabe, e eu carreguei muitas vezes a minha exma. senhora, quando ella era creança. Eu estive 28 annos em casa da exma. senhora fallecida mãe, ora! queria dizer: em casa da defunta fallecida... Como é? Em casa da exma. fallecida da minha senhora mãe—mas, que cabeça! não posso dizer o que quero; em casa da...

D. BERTHA—Não é preciso continuar, Guilhermina, pois já sei o que você quer dizer: em casa da exma. defunta senhora da minha mãe... Ora! tambem não acerto...

GUILHERMINA—Sim, é isto mesmo. Mas, D. Bertha, servir fielmente uma familia durante 28 annos, não é brincadeira, e é só por amizade que o faço, pois sempre estimei muito a creancinha que estava a meu cuidado, e depois a senhorita e agora a minha exma. senhora; e saiba a Sra. que eu estive sempre perto da minha exma. senhora, porque

Dominios da Esphinge

Segundo torneio charadístico

(Janeiro, Fevereiro e Março)

81—89) NOVISSIMAS

E' peccado ter letra que não é boa, senhorita?—2,1,1.

A criminoso tem de voltar com a arma—1,2. C.

Nesta fila ha uma letra ou uma preposição, minha senhora?—2,1,2.

Vivo com o poeta na Phenicia; sou producção sua—2,1. I. A.

Na cidade vi a menina com a senhora —2,2.

E' pretexto de quem não vê a fruta —1,2. E. A.

De Napoles levaram um animal para o imperador—2,2.

Na floresta o animal comeu a planta —2,1.

Tecido para o rei das trevas é comédia—2,2. I. A.

ella sempre teve medo de estar só; foi por isso, e para ser mais bem protegida, sabe, D. Bertha, foi por isso que ella escolheu um marido tão alto; e eu... eu... tenho vergonha de lhe dizer que desejava muito ganhar um pouco mais...

D. BERTHA—Oh! isto póde dizer sem acanhamento, Guilhermina!

GUILHERMINA—... (sem interromper-se) pois a minha exma. senhora é tão boa, e o seu marido tambem; mas póde a minha exma. senhora dizer isso ao meu exmo. senhor, e podem o meu exmo. sr. e a exma. senhora ficar aborrecidos e não me quererem mais, e então...

D. BERTHA—(tapando os ouvidos) Mas, Guilhermina, Guilhermina!

GUILHERMINA—... a minha exma. senhora e o meu exmo. senhor talvez fiquem zangados, e eu tenho que chorar e devo sempre ficar pensando que o meu exmo. senhor e a minha exma. senhora... (D. Bertha levanta-se repentinamente, agarra Guillh. pelos braços e

fal-a sentar em uma cadeira) mas... mas... D. BERTHA—Assim; cale-se agora e ouça-me!

GUILHERMINA—Sim... sim... eu... mas...

D. BERTHA.—(com energia) Cale-se! já disse! (Senta-se; enquanto D. Bertha fala, Guillh. vira-se de um lado para outro, faz menção de levantar-se e de vez em quando quer começar a falar, mas não tem coragem de o fazer, por causa da energia com que D. Bertha lhe impõe silencio) e escute com ~~atenção~~ o que lhe vou dizer—silencio! hein?!—que você deseje ganhar um pouco mais—não se mexa tanto!—ninguem pode levar a mal;—cale-se!—é seu dever, portanto, dizel-o á sua patrôa;—pst!—além disto você já está velha—fique quieta!—por isso tem o direito de ganhar mais, entendeu? Na primeira oportunidade manifeste, portanto, o seu desejo á...

GUILHERMINA—(levantando-se de repente) Ai! não posso mais estar calada!

D. BERTHA—Você entendeu o que eu lhe disse?

GUILHERMINA—Entendi, mas não digo nada nem na primeira oportunidade, nem na segunda oportunidade, nem na terceira oportunidade!

D. BERTHA—Você deve...

GUILHERMINA—(arruma depressa a louça e põe-na em uma bandeja) E' bom que a Sra. saiba que eu gosto muito da minha senhora e que a minha senhora gosta muito de mim, e que por isso não quero aborrecel-a. E si alguem quizer fazer mal á minha senhora, eu agarro com uma das mãos uma vassoura, com a outra uma enxada e com a terceira um ancinho, e ai de quem tiver a ousadia de se lhe approximar! (Bate com a mão no peito) Aqui está um coração que irá, com um ponta-pé, ao encontro do inimigo! E mais uma vez lhe digo, minha senhora, que nada direi a respeito do dinheiro! (Guilhermina sae resmungando; D. Bertha ri sózinha; de repente abre-se a porta e Guillh. diz, espiando) Não leve a mal o que eu lhe disse, D. Bertha, e si tiver oportunidade... (Fecha outra vez a porta.)

(Continúa)